RENAN AREIAS

Marcus Amim prestou depoimento recentemente

REPRODUÇÃO DA TV GLOBO

Giniton Lages era o titular da Delegacia de Homicídios

REPRODUÇÃO

Rivaldo Barbosa era o chefe da Polícia Civil no Rio

Depoimento de Marcus Amim COMPLICOU POLICIAIS

Rivaldo Barbosa e Giniton Lages teriam ignorado informações do caso Marielle

As revelações feitas pelo atual chefe de Polícia Civil do Rio foram fundamentais para que a Polícia Federal (PF) conseguisse mais evidências que mostrassem a omissão de policiais responsáveis pela investigação dos assassinatos da vereadora Marielle Franco e o motorista Anderson Gomes. O delegado Marcus Amim disse ter procurado os delegados Rivaldo Barbosa, chefe de polícia da época, e Giniton Lages, então titular da Delegacia de Homicídios.

Além dos dois, o relatório entregue pela PF ao Supremo Tribunal Federal também implica do comissário Marco Antonio de Barros Pinto. A corporação reiterou que o trio agiu junto para atrapalhar as investigações do caso e, propositadamente, evitou buscar e usar imagens de câmeras que teriam filmado os assassinos da vereadora e do motorista Anderson Ramos no dia do crime.

Amim trabalhava na 27ª DP (Vicente de Carvalho) em 2018 e encontrou com Rivaldo. Ele procurou passar informações para o chefe para ajudar nas investigações, mas teria sido ignorado por Rivaldo, que não quis escutá-lo e disse para ele procurar Giniton Lages.

Posteriormente, ele acabou encontrando o colega e teria apontado cinco suspeitos do crime, entre os quais Ronnie Lessa, de quem, inclusive, teria passado endereço e dicas para os policiais buscarem imagens próximas do condomínio do ex-policial militar. Ele também teria dito que Orlando Curicica, apontado inicialmente como suspeito, não teria condições de cometer o crime.

Giniton Lages prestou depoimento e disse não se lembrar da conversa que teve com Marcus Amim. De acordo com a corporação, ele escolheu ignorar as dicas do colega.

Ausência de imagens na Cidade Nova

• Em seu relatório, a Polícia Federal também afirma ser injustificada a ausência de imagens da rota de fuga dos criminosos no dia do assassinato. Próximo ao local ficam a sede administrativa da Prefeitura do Rio e o antigo Centro de Convenções Sulamérica, que poderiam oferecer alternativas de imagens do caminho feito pelo carro dos assassinos.

Após sete meses do ocorrido, uma denúncia anônima fez com que imagens do carro fossem recuperadas, mostrando o veículo na altura do Quebra-Mar, na praia da Barra da Tijuca, local relativamente próximo da casa de Ronnie Lessa. Essas imagens foram anexadas no inquérito da Polícia Civil, aberto por Giniton.

O novo relatório entregue pela Polícia Federal tem 87 páginas, faz parte do inquérito que apura a obstrução das investigações e corre em paralelo ao inquérito em que os irmãos Brazão e Rivaldo Barbosa são acusados de serem os mandantes do crime.